

DISCURSO DO ORADOR OFICIAL
Prof. Dr. EDGAR ALTINO
NA SESSÃO DE INSTALAÇÃO DA UNIVERSIDADE
DO RECIFE, EM 11 DE AGOSTO DE 1946

Exmo. Sr. General Comandante da 7.^a Região e Interventor Federal do Estado.

Eminentes Srs. Professores, representantes do Sr. Ministro da Educação.

Exmo. Sr. Brigadeiro Comandante da 2.^a Zona Aérea.

Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Apelação.

Sr. Representante do Revmo. Arcebispo.

Magnífico Reitor.

Colegas Universitários.

Exmas. Senhoras. Meus Senhores.

Subindo a esta tribuna, cumpre-me obedecer à ordem que me foi dada pelo Egrégio Conselho Universitário de fazer a oração oficial desta solenidade, em nome dos Institutos que compõem a Universidade do Recife.

Sinto, porém, uma grande pena. A de que minha obediência não possa conter em seu bôjo aquele conjunto de qualidades intelectuais que não viriam trair a confiança dos doutos outorgantes.

Quero, de início, focalizar a figura magistral, verdadeiramente magistral, de Joaquim Amazonas, tão sãbiamente eleito **MAGNÍFICO REITOR** desta Universidade. Mestre incansável, cuja vida intensa vem dedicando-a quase tôda aos labores da magistério nacional, vejo-o como um símbolo universitário, sob cuja égide podemos esperar vencer o caminho áspero que nos aguarda.

O espetáculo soleníssimo que nos congrega nesta noite memorável em que se instala, com pompas específicas, a Universidade do Recife, oferece aos arquivos da mentalidade pátria ocasião singular de reflexões do mais alto valor.

Tomamos perante o mundo uma responsabilidade, *quae sera tamen*, cujas consequências temos de bem considerar, para que mais uma vez não se vá esboroar o velho sonho dos nossos antepassados e os nossos propósitos contemporâneos.

O panorama retrospectivo que se projeta e desenrola aos nossos olhos, nesta festa, consubstanciado na passagem de mais um "11 de agosto" e evocador da instalação de cursos jurídicos e demais culturas que brotaram, desde as tentativas de criação universitária, nos aspectos quinhentistas da cultura colonial que os jesuitas desenvolveram, a ponto de ousarem "*meter ressaibos de universidade*" na colônia,, e ainda através dos anseios humanísticos do primeiro e do segundo impérios, este panorama revêla que na luta eterna pela busca da verdade, não há criar entraves ao anhélo incoercível de escalar píncaros mais altos nos desígnios da civilização.

Não descerei à análise minuciosa desse passado que mora dentro de nós como energia viva e como advertência implacável, noção surrealista na geração contemporânea, pois que ora começamos a viver e já nos colhe o vulto ciclópico das realizações a colimar.

Não se improvisa o espírito universitário; espírito de colaboração estreita no afã da pesquisa, no propósito do saber, na interdependência das atividades, na renúncia sublimada à notoriedade pessoal, na afetividade espiritual entre professores e alunos.

A sedimentação da cultura milenária européia, em função do homem e da terra, é que deu origem, no tempo e no espaço, ao pendor investigante no anseio insopitável da nova pesquisa, da última indagação.

A formação mental do Brasil, impetuosa e tumultuária por quatrocentos anos, carece muito e muito de coordenação sistemática e é esta a função precípua das universidades.

As sociedades sábias vivem da expressão cultural do meio

em que atuam. São as elites do pensamento que se formam à mercê da própria cultura, mas que se formam da massa específica, o povo, culminando em feição exponencial.

Disso bem se imbuíram os grandes vultos do segundo império. Projetos de organização universitária foram tanta vez apresentados às Côrtes monárquicas por sucessivos gabinetes ministeriais, mas dissensões regionalistas, refletindo a eterna psicologia personalista latina, espoucaram ruidosas, não permitindo concretização da magna idéia.

Na Côte, em S. Paulo, no Recife, na Bahia, no Maranhão, na Paraíba, pretenderam-se localizar sédes universitárias com argumentos *ad rem* que pecavam por muito provar. E enquanto isto, nem de ensino primário se cuidava, apesar do marco-aurelismo do Imperador, resultando o clamoroso analfabetismo que ainda hoje tanto nos inquieta.

Até a proclamação da República, segundo Souza Campos, somam-se vinte e quatro as vãs tentativas, mais ou menos fundamentadas, de criação de universidades no país.

Sou dos que pensam que não podemos menosprezar a influência coimbrã no desenvolvimento da mentalidade educacional no Brasil.

Nos fastos da Inconfidência Mineira há depoimentos de feição expressa d'este jaez, apenas aparentemente negativista o conceito de preferência por instituição nacional. É que o jacobinismo, ansioso de emancipação da tutela ultramarina, dilatava-se além da esfera política para atingir o fenômeno cultural, já então atraídos nossos legisladores pela influência francesa e depois alemã.

Nunca se chegou assim à determinação do tipo de universidade que melhor nos conviria, quando seria tão fácil e curial tomar-se o modelo coimbrão.

Foram-se perdendo oportunidades excelentes, a despeito do período áureo em que a cultura humanística brasileira tanto se expandiu, em S. Paulo, na Côte, na Bahia, no Ma-

ranhão, no Recife, aqui concretizada no velho Colégio das Artes, onde a especulação filosófica, a retórica, a lógica, a arte poética, as ciências naturais, a matemática, as línguas — sobretudo grego e latim, ofereceram a mestres autodidatas e a alunos sedentos de saber sedutores e requintados prazeres dialéticos tão ao sabor das pugnas universitárias do velho mundo. Os trabalhos de Tobias Barreto e da famosa Escola do Recife que ele fundára, orientados a moldes universalistas alemães, teriam sido um núcleo ideal para a criação da Universidade do Recife.

As universidades são centros de vida nacional. São focos donde se irradiam as utilidades sociais e políticas de um povo.

São “núcleos científicos, sociais e políticos de ação e de orientação”.

Na relatividade imanente ao fenômeno biológico, desencadeia-se a contingência irrefreável das possibilidades humanas.

As conquistas não lograram sempre a comodidade serena das rotas percorridas. A natureza imensa, cheia de abismos insondáveis, de meandros abstrusos, de escolhos asseverantes, sempre opôs ao homem a tortura multiseccular da luta incessante, do ardor ingente e indispensável à afirmação dos propósitos espirituais.

E de nada valeria a vida humana si não fôra êsse privilégio marcante do pensamento que congrega os homens e os conduz à meta das realizações mais elevadas, mais dignas, mais caras. A valorização do homem foi assim, no tempo e no espaço, e continuará a sê-lo, apodccamente, biologicamente, a aspiração suprema, o labor iterativo da devolução científica.

A falada gregariedade ancestral dos homens não é exclusiva, bem o sabemos, à espécie nobre. As sociedades animais sempre existiram e até se afirmam perfeições verificadas.

Ninguém, porém, vislumbrará allúres, a alta finalidade espiritual e psíco-afetiva que caracteriza a espécie humana.

É que a personalidade humana ocupa singular posição no universo e, precisamente porque é pessoa, essencialmente se diferencia da pedra, da planta, do animal. Notaremos que o animal vive do mundo exterior que o ambiente e lhe dá as excitações de defesa, de nutrição, de reprodução. Cessadas estas, o animal dorme.

O homem, no entanto, pode estar só. Pode estar vigilante. Pode pensar. Pode ensimesmar-se, refugiando seu pensamento em si próprio, sem eiva de qualquer fôro patológico.

Esta faculdade é típica do homem e revela sua natureza especial.

Mas dêsse egotismo todavia potencial e tanta vez perigoso a exteriorizar-se em manifestações messiânicas, parte o homem em busca de novos quadros, fora de seu ambiente atual, nos anseios volitivos de seu próprio determinismo. Torna-se supra-temporal e supra-especial.

É que as representações psicológicas que se vão acumulando no acervo de sua mentalidade, conferem-lhe a aptidão de lutar contra a natureza hostil, de desvendar-lhe segredos seculares, de melhor conhecer seus semelhantes, cooperando no ambiente, construindo sua vida e estabelecendo os limites, dentre bens físicos e espirituais, que lhe outorga sua personalidade.

De sua carne viva sairá seu espírito indagador. De suas elaborações espirituais resultarão as normativas que haverão de estabelecer a vida em comum.

Si no estudo da gregriedade humana reportamo-nos à épocas remotas das primeiras organizações sociais, havemos de ver que a personalidade humana, conquanto fiel à finalidade biológico-animal da vida em sociedade até a formação da cidade, séde coletiva de todas as atividades sociais, não perdeu nunca seu caráter autônomo de aperfeiçoamento individual.

No labirinto das filosofias políticas explicativas do fenômeno social, teremos de colidir sempre com a preocupa-

ção litigiosa entre o indivíduo e a coletividade, no sentido de prerrogativas e deveres.

Irromperá, de logo, o dissídio secular — espiritualismo-materialismo, como si fosse biologicamente possível separar a matéria viva de suas manifestações metabólicas, especificamente muito elevadas na espécie humana.

Desta carne viva surgirá aquele espírito, fundamento nobre e universal do *homo sapiens*, espírito que acompanha a vida e desaparece com a morte, restando apenas a transformação da matéria.

Não há assim materialismo puro nem espiritualismo puro, pois um é expressão de outro, intimamente ligados no decorrer da vida.

Não nos importam as concepções filosóficas senão como fundamento metodológico de explicação do universo. O fenômeno social, o político e o científico terão, porém, sempre, base biológica.

A sabedoria das leis haverá de ser orientada em função das exigências da vida em comum. Necessidades da vida física em todos os seus aspectos, habitação, nutrição, reprodução, prerrogativas da vida mental em suas cogitações culturais, ciência, arte, religião, ética.

Tais atividades, próprias da dignidade do ser humano, confundem-se com os direitos *intangíveis, essenciais* da personalidade que para exercê-los disporá da faculdade inelutavelmente humana — a liberdade, outorga da própria natureza.

Tal fenômeno, aliás, já de há muito entrou definitivamente na consciência coletiva da nação.

O panorama filosófico do mundo foi sempre o mesmo, em todos os tempos, em todos os meios. Ansia de perfeição.

Porisso a investigação científica nunca parou, não pára, não parará, pois só o *intelectualismo puro* poderia resolver tôdas as incógnitas da terra, do ceu, dos mares. Mas o *intelectualismo puro* não existe. Não seria humano.

A cultura de um povo importará especificamente nas re-

lações do homem com sua terra e com suas tradições. A afetividade move o homem e o acompanha até a morte. O pensamento não se elabora isolado do tono emocional. O progresso científico estará porisso sempre em função da atividade ideo-afetiva do homem.

Si a ciência houvesse atingido o ideal de perfeição, a humanidade entraria em estagnação o que seria absurdo, dado o dinamismo psicológico da própria vida humana. A cultura seguirá com o mundo. Não teve princípio. Não terá fim.

Mas é nas universidades que a cultura se plasma, que a investigação se coordena, que a pesquisa colhe menses, pela unidade espiritual que abrange os propósitos e preside às realizações.

E como afinal o espírito universitário existe e cada vez mais se afirma pelas idéias e conceitos dos nossos homens cultos, não se diluiu a imagem universitária. Antes cresceu e tomou vulto até a promulgação do Decreto 14.343, de 7 de setembro de 1920 que criou a primeira universidade no Brasil. Era o espírito universitário de Epiácio Pessoa, velho professor do Recife, a afirmar-se nas expansões virentes de sua mentalidade de escól, dando execução à previsão do art. 6.º do Decreto 11.530, de 18 de março de 1915.

No entanto, Senhores, os frutos não maduraram. A árvore plantada nem ergueu para o alto sua fronte verdejante para acolher à sombra os sequisos do saber. Os Institutos reuniram-se apenas no papel. A Faculdade de Direito do Rio continuaria provendo suas despesas com as rendas do patrimônio respectivo, sem outro auxílio oficial ou vantagem para os professores, além dos que lhe eram outorgados pelos seus estatutos. A unidade material da nova organização nem fôra sequer sugerida. A desproteção oficial acentuou-se, provocando campanha erudita nos meios educacionais do país.

Dessa campanha resulta conceito, por assim dizer, unânime, entre os opinantes consultados pela Sociedade Brasileira de Educação, com divergências apenas de detalhes sobre a organização que melhor nos conviria, considerado, evidentemente, o princípio ecológico.

Amaury de Medeiros, a cuja memória rendo aqui mais uma vez meu preito da maior saudade, pronuncia-se pela unidade material, autonomia didática e financeira, por forma a que as universidades do Brasil pudessem ostentar no frontespício a fórmula da de CORNELL: "aqui, quem quer que seja pode estudar o que quer que seja".

Creio, porém, que o problema, já hoje resolvido, salvo quanto à incompreensão dos governos e dos parlamentos, não tardará, pela mão dos homens de bôa vontade, a apresentar-se em solução de realidade tangível.

A revolução de 1930, todos o sabemos, abriu um câos ao ensino nacional. Conspurcou-o de todo, despertando na medida do possível, protestos sinceros e fundamentados de todos os professores brasileiros.

Momentos houve, porém, em que áureas esperanças surgiram, pela mão do Ministro Capanema, a quem penso fazer justiça considerando-o verdadeiro idealista. Mas o clima da ditadura asfixiou o espírito universitário, e todo o trabalho ingente, verdadeiramente exaustivo e prolongado de Souza Campos e seus eruditos companheiros, acordes com as aspirações do então ministro, só não resultaram em pura perda de energias, tempo, dinheiro, porque ficaram definitivamente traçados os planos e estudos, por forma a serem executados à primeira oportunidade. Teremos então a primeira universidade do Brasil com sua unidade material, concentração das atividades em um campo único, permitindo maior aproximação e interdependência entre professores e alunos, orientada a investigação científica de modo a que todos possam colaborar, afirmando-se assim o espírito universitário. É o que já se está volumosamente fazendo em S. Paulo, por força da energia e da cultura da gente bandeirante.

Estamos então em fase de experiência e de tentativas de realizações. Cumpre que prossigamos e que esta Universidade possa desenvolver-se e atingir a finalidade a que se des-

tina, pela mão, pela energia e pela cultura dos pernambucanos. Conjuguemos nossos esforços, já não poucos até hoje nos Institutos isolados que, com exceção da velha e gloriosamente centenária Faculdade de Direito, vêm vivendo vida amarga de renúncias e de provações.

Fio que a confiança que depositamos em sua Magnificência, o Sr. Reitor Amazonas, cada dia se alentará com a sábia orientação que os negócios universitários receberão no Recife, desde as cogitações para a futura e definitiva localização da Universidade, como, cousa premente e inadiável, o aparelhamento indispensável às nossas clínicas e laboratórios, ao lado das necessidades universitárias dos demais institutos.

Pois que a nossa tarefa cresceu. E cresceu imensamente.

O ensino universitário será bem diferente daquilo que até agora temos feito. Pois que até então, nos estabelecimentos isolados, ensinamos cousas sabidas, repetimos pesquisas já feitas, abeberando-nos da cultura alienígena. Só em raros casos, para honra nossa, e isto mesmo nos centros já trabalhados pela pesquisa, temos tido o prazer de oferecer ao progresso científico do mundo contribuição genuinamente pernambucana. Nossos professores poderiam, porém, dar muito mais de sua inteligência e de sua cultura se dispuzessem daqueles elementos, daquelas condições de trabalho que estão à mercê dos pesquisadores dos grandes centros de investigação.

A integração universitária ha de elevar o mel cultural e os estudantes do Recife encontrarão ambiente mais atrativo e sedutor para suas aspirações de pura especulação científica ou de apuro básico ao preparo profissional.

Universitários do Recife.

Para vós minhas últimas palavras porque para vós é que alcança maior relevância esta festa. De há muito, eu bem o sei, ambicionáveis o título honroso.

Eu vos concito a que cada dia se fortaleça em vossos espíritos sem mácula a defesa das vossas prerrogativas universitárias. Que essas prerrogativas se confundam com os vossos deveres, porque todos vós deveis ser ambiciosos do saber. Nada mais se exige de vós do que vos oferecer as vantagens de afinidade espiritual, cada vez mais a estreitar-se no campo das nossas elucubrações. Que os nossos contactos espirituais, nas nossas aulas, nos nossos seminários, nas nossas experiências culturais, nas nossas investigações de laboratório, se tornem d'ora avante deleites ambiciosos de estudantes e professores, ao contrário do que por tantas vezes, desgraçadamente, há sucedido.

A Universidade do Recife fez-se sobretudo para vós, para vossa geração e para as gerações vindouras, *per omnia secula seculorum*, no afan civilizador de sedimentar cultura e engrandecer a pátria.

A mocidade é eternamente o sustentáculo da nacionalidade. O clima político das universidades é a democracia. Sem liberdade não se ensina nem se aprende. Os direitos essenciais do homem têm aí seu templo natural, pois o maior postulado universitário é a liberdade de cátedra, livre a orientação do pensamento cultural.

O progresso científico que as pesquisas universitárias outorgam ao mundo importam, iniludivelmente, na valorização do homem.

Sêde as sentinelas avançadas do templo em que a verdade se afirma pelos anseios da cultura e do saber.

O homem tem de ser valorizado pelo próprio homem. Pela saúde e pela educação. Falo aqui em termos genéricos, em termos amplos, para uma assembléia universitária. As aquisições que nesse terreno temos conquistado são vultosas, nos propósitos da higiene, nas vantagens da terapêutica, nas aspirações educacionais.

Valorizar o homem é torná-lo capaz de cooperar na organização do Estado democrático, afim de que o pensamento aristotélico possa triunfar sobre o platônico.

Na repulsa biológica às ditaduras e às tiranias, não nos

arrecceiemos daquela OCLOCRAZIA, puramente teórica aliás, que seria o governo da ralé ou da canalha, porque tal vileza humana já não existirá.

As democracias afirmam-se pela biologia. Pelas universidades. Por seus líderes. Por seus sábios. Por seus heróis.

O progresso científico, a cultura social e a evolução humana são os caracteres fundamentais dos homens livres.

Universitários! Como jovens que amais a liberdade,, aprendei e mais tarde ensinaí.